
Práticas pedagógicas na formação de jornalistas: construção de pautas emancipadoras e de interesse público ¹

Carla de Oliveira Tôzo²

Edilaine Heleodoro Felix³

Maria Lúcia da Silva⁴

Centro Universitário FMU|FIAM-FAAM, São Paulo, SP

RESUMO

A partir de atividades realizadas com alunos da Agência Integrada (AICom) do Centro Universitário FMU-FIAM-FAAM, na qual se produzem pautas jornalísticas com conteúdo emancipador, de interesse público, este artigo pretende fazer uma reflexão acerca do diálogo existente entre a teoria e a prática na formação de novos jornalistas. Para isso, traz as atividades práticas realizadas por meio do Estágio Supervisionado e da Monitoria no Centro Universitário FIAM -FAAM, que é especificamente a escola de Comunicação do Centro Universitário FMU|FIAM-FAAM, São Paulo, onde se encontra o curso de jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: interesse público; formação de jornalistas; práticas pedagógicas; ensino de jornalismo; pautas emancipadoras.

INTRODUÇÃO

A necessidade de refletir sobre a prática de ensino não é nova e nem há uma proposta de quebra de paradigma, pois, temos clareza da sua importância e constância.

¹ Trabalho apresentado no GP Educação e Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, professora do Centro Universitário FIAM-FAAM, membro do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA). E-mail: carlatozo@uol.com.br; carla.tozo@fiamfaam.br

³ Jornalista, Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, professora do Centro Universitário FIAM-FAAM, membro do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA). E-mail: edilaine.jornal@gmail.com; edilaine.felix@fiamfaam.br.

⁴ Jornalista, Doutora em Educação pela Universidade Nove de Julho, professora do Centro Universitário FIAM-FAAM, membro do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA) E-mail: mlucia1459@gmail.com; maria.l.silva@fiamfaam.br

Paulo Freire, mestre nas práxis pedagógicas e fundador do método de ensinar aprendendo, sempre sugeriu que utilizássemos os registros dos *diários classe* em processo de avaliação e na construção de conhecimento novo, especialmente durante a troca de saberes. E, como a sua influência é visceral em nossa prática profissional, apresentamos neste artigo os primeiros resultados obtidos na pesquisa que realizamos junto à Agência Integrada de Comunicação (AICom) na qual se produzem pautas jornalísticas com conteúdo contra hegemônicos, de interesse público. O recorte aqui presente diz respeito às pautas produzidas pelos alunos que orientamos no Estágio Supervisionado e na Monitoria, a partir de 2018, quando foram implementadas essas atividades no curso de jornalismo, no Centro Universitário FIAM-FAAM, local onde lecionamos disciplinas práticas e orientamos tais atividades. As práticas pedagógicas, como nos ensina Paulo Freire, devem tecer a dialogia entre professor e aluno, considerando suas identidades e vivências.

No diagnóstico realizado, sobre o perfil que se espera dos novos jornalistas, encontramos a necessidade de se enfatizar condições de praticarem jornalismo alternativo e periférico em contraponto aos conteúdos produzidos pelos grandes conglomerados de mídia. Vale destacar que, com a internet e as redes sociais o conceito de consumo, produção e distribuição de notícias mudou, levando a um enxugamento das redações, as demissões em massa de profissionais da imprensa, fazendo com que os jornalistas encontrem nas mídias independentes uma possibilidade de emprego. Desse modo, optamos por ampliar essas competências durante o desenvolvimento das atividades de Estágio e Monitoria e disciplinas, ao identificarmos a necessidade de reforçar os conteúdos que contemplem temas sobre o mundo de trabalho e os novos arranjos econômicos, da necessidade da inclusão social e inserção da diversidade. Como enfatiza Enio Moraes Junior,

Investir em educação e em informação de interesse público para a superação da desconfiança, a partir da ação de cidadãos melhor educados e informados – emancipados, portanto – parece ser o caminho possível para o consequente fortalecimento da cidadania brasileira no século XXI. (MORAES JÚNIOR, 2013, p.60)

Nesse modelo de educação inserimos o ensino de jornalismo, que acreditamos e entendemos a partir das afirmativas de Moraes Júnior (2013), Lima (2011) e Fíguro (2017), que nos contemplam com suas reflexões de que a práxis jornalística somente alcança objetivos num compromisso radical com a justiça social, que a ação cidadã,

quando encarnada por um profissional empoderado por sua identidade, produz um jornalismo de interesse público.

Atualmente os cursos de jornalismo estão regidos pela Resolução CNE/CES 1/2013, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para o curso de graduação em jornalismo, bacharelado, que consensualmente estabelecidas pela comunidade acadêmica foram acolhidas pelo Conselho Nacional de Educação. Essa Resolução retoma a obrigatoriedade de Estágio Curricular Supervisionado, que desde o final dos anos 1980 estava fora do currículo.

Essas DCN's instituídas pelo Ministério da Educação (MEC) obrigam as Instituições de Ensino Superior (IES) a produzirem mudanças nas matrizes curriculares de seus cursos de jornalismo até 2016. Elas têm como objetivos formar jornalistas com competência teórica, ética, estética, técnica e tecnológica. Ressaltando que o preparo para as novas tecnologias deve ter constância, além da atualização das rotinas de trabalho de todos os tipos. Essas reformas estão apoiadas nos seguintes pontos: o cenário do jornalismo, formação do jornalista, a especificidade do curso e a separação do jornalismo da comunicação social.

Aqui não podemos deixar de ressaltar que a separação do jornalismo da comunicação social é considerada positiva e importante para alguns pesquisadores da área (Meditich, 2014), que consideram que essa ideia de transformar cursos de jornalismo em cursos de Comunicação Social na década de 1960, ocorreu por imposição da ditadura civil-militar. Diante disso, devemos considerar que essa separação tornou o jornalismo um campo próprio, realçando seu papel para a sociedade e distinguindo que deve ser feito por jornalistas, e que seu conteúdo, envolto pela técnica o difere do que hoje é tido como produção de conteúdo.

O foco da reforma foi diminuir a distância entre a teoria e a prática, entre o saber e o fazer, contemplando disciplinas guiadas por competências cognitivas, pragmáticas e comportamentais. O projeto pedagógico deve ainda acolher em seus eixos de formação as seguintes fundamentações: Humanística, Específica, Contextual, Profissional e da Aplicação Processual e a Prática Laboratorial.

Nesse contexto, essas alterações nos eixos de formação, e a inclusão de disciplinas voltadas à regionalidade, à realidade social e a readequação de conteúdos tornam-se ferramentas importantes na formação do novo jornalista, que deverá lidar com desafios do atual momento histórico brasileiro.

Como já falamos anteriormente, para este artigo nosso foco será o estágio curricular supervisionado, que na DCNs, conforme disposto no seu artigo 12, consta como obrigatório, devendo ser incluído no projeto pedagógico do curso através de regulamentação aprovada por colegiado.

E aqui não poderíamos deixar de citar Fígaro e Nonato (2017) quando refletem sobre os novos arranjos econômicos alternativos ao referenciar o que a internet, por meio das mídias móveis e virtuais, tem proporcionado de atividade profissional, afirmando que:

a busca do exercício profissional alinhado aos ideais do jornalismo independente e/ou alternativo tem aglutinado jovens e experientes profissionais em busca de utopias possíveis no exercício com dignidade do trabalho do jornalista” (FÍGARO; NONATO, 2017, p. 59)

O cenário foi apontado por essas pesquisadoras do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT), da Universidade de São Paulo (ECA/USP), se encontra especialmente nos resultados da pesquisa *O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo – um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional* (Fígaro, 2014). Acompanhamos essa pesquisa por meio da leitura dos artigos publicados e influenciadas pelas presenças dos pesquisadores do CPCT com suas teses como Michelle Roxo, Claudia Nonato Lima e Rafael Grohmann que integraram o corpo docente do mestrado profissional em jornalismo do FIAM-FAAM. Isso fez com que tomássemos a decisão de realizar o *Seminário o Mundo do Trabalho*⁵, e que também formulássemos atividade interdisciplinar a partir da disciplina Jornalismo Comunitário, com foco na produção de pautas de conteúdo inclusivo, com viés emancipador e de interesse público.

Em busca de um jornalismo emancipador

No livro *O que é Jornalismo* publicado nos anos 1980, o jornalista Clóvis Rossi (1943-2019) define bem o papel do jornalismo. “Jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e

⁵ O Seminário Mundo trabalho aconteceu nos dias 20 e 21 de setembro de 2016 nos auditórios das unidades Ana Rosa e Morumbi com o objetivo de debater a inclusão do profissional negro no mundo do trabalho. Foram realizadas oito rodas de conversas que recebeu 17 palestrantes e 5 professores da área da Comunicação que atuaram como mediadores. O evento atingiu 140 alunos.

corações de seus alvos. (...)” (ROSSI, 1980, Introdução). E é assim até hoje: a batalha pelo furo, pela audiência, pela voz, pela representatividade.

Muito além das teorias do jornalismo, importantes para compreender o histórico e os processos, o fazer jornalismo acontece nas ruas, nas redações, na urgência e na emergência da informação através da internet, por exemplo, e a mídia tem a tarefa de “reportar os acontecimentos do mundo que ocorreram em locais próximos ou afastados daqueles e que se encontra a instância da recepção” (CHARAUDEAU, 2012, p.135).

Ao pensar nas relações e na prática jornalística, vale lembrar que há 30 anos, os jornalistas detinham o poder da informação. Hoje com a agilidade e a fluidez das informações, com as diferentes fontes, as redes sociais, os assuntos são filtrados em diferentes plataformas possibilitando o surgimento, em todo o mundo, de projetos e produtos alternativos à mídia tradicional para pautar assuntos de interesse público, que mesmo diante de toda essa facilidade de tratar diferentes temas, ainda estão à margem da “grande mídia” (empresas tradicionais de comunicação) e não atendem às necessidades de um consumidor de informação cada vez mais crítico à notícia e ao formato que ela é entregue. Sem contar que “as notícias se tornaram mercadorias e são ideologicamente filtradas e selecionadas antes de ser impostas à uma opinião pública distorcida e corrompida pela propaganda transportadora de uma mensagem consumista”. (MUNANGA, 2017, p. 11)

O autor Philip Meyer (2007) em seu livro *Os jornais podem desaparecer?* diz que precisamos dedicar nosso trabalho aos padrões tradicionais e à prestação de serviço público do jornalismo. “A nova ênfase em filtrar, refinar, decorar e empacotar a informação requer novas maneiras de aplicar as antigas habilidades e também a descoberta de habilidades totalmente novas” (MEYER, 2007, p. 243).

Essas habilidades, segundo Jean Charron e Jean de Bonville (2016), legitimam o fazer jornalístico e deste conjunto de regras surgem novos discursos jornalísticos e com ele “os acordos”, o como fazer o jornalismo, como editar, escrever e até se comportar. “O ambiente social sobre o qual se exerce o jornalismo é tão diverso, tão complexo, tão ramificado que é ilusório imaginar uma formação universitária que possa preparar para isso adequadamente” (CHARRON, BONVILLE, 2016, p. 71). Neste cenário, a mesma mídia que se mostra cada vez mais “engajada”, atenta aos assuntos das “minorias”, falha ao definir o que é urgente para muitas dessas pautas de interesse público.

Dados do Censo da Educação de 2016, coletados pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), por exemplo, mostraram que os negros (pretos e pardos) matriculados nos cursos de jornalismo do Brasil somavam cerca de 40%, no entanto, quando observamos as redações esse percentual cai para 20% de negros atuantes.

A partir desses números, a Énois, Escola Laboratório Aberto de Jornalismo que apoia o desenvolvimento de jovens que reflitam e produzam jornalismo diverso, fundada em 2009 no bairro do Capão Redondo na zona sul da capital paulista, que tem mais de 4 mil alunos cadastrados, fez uma pesquisa, em 2018, para mapear o número de jornalistas negros atuantes.

De acordo com a investigação *Por que as redações são tão brancas* a proporção de brancos, que é de 60% na graduação, ultrapassa 70% nas redações e a de pretos e pardos cai para 20%, “se o funil da diversidade já é estreito para entrar na faculdade, na redação apertada. (...) A falta de diversidade afeta a sociedade e a democracia, mas também pessoalmente os jornalistas”, diz a Énois.

Os autores Henry Jenkins e Joshua Green (2014) no livro *Cultura da Conexão* dizem que a propagação dos textos de mídia expressa quem somos, quais são nossos relacionamentos pessoais e profissionais, fortalece relações, constrói comunidades e que o compartilhamento da mídia além das fronteiras culturais aumenta a oportunidade de ouvir pessoas.

Não há pluralidade de pautas no jornalismo brasileiro. Eis uma triste constatação. A linha editorial e ideológica dos grandes meios de comunicação do país não representa a diversidade política, cultural, étnica e social brasileira, por isso, Oliveira (2017) defende que o papel do intelectual que milita para transformar a sociedade não é apenas o de fazer críticas, mas também de apontar caminhos de mudanças.

Na prática, o funcionamento do jornalismo - influenciado por aspectos do mercado neoliberal - nem sempre consegue ou tem interesse em contribuir na discussão de pautas emancipatórias, entre elas, a da questão racial.

O jornalismo surgiu como uma atividade de consolidação da democracia. Cumpriu e cumpre um papel importante nesse sentido. Entretanto, à medida que a atividade foi sendo colonizada pela indústria midiática, inserida no tripé do poder global, com o esvaziamento da esfera pública da política, com a configuração nova do capitalismo na “Ação Direta do Capital” esvaziando as estruturas mediadoras, ele vai perdendo o sentido.

Como empresa capitalista, busca desesperadamente um nicho de sobrevivência adequando-se às novas estruturas de poder. Avoca para si a condição de representante dos interesses de um cidadão cujo conteúdo foi transfigurado para a de consumidor. (...) (OLIVEIRA, 2017, p. 19)

O artigo XXVI, parágrafo 2 da Declaração Universal dos Direitos Humanos estabelece que a educação é um direito de todas as pessoas e, conseqüentemente, tem o objetivo de auxiliar no desenvolvimento pleno da personalidade humana e o respeito aos direitos humanos.

A construção da democracia depende da real consciência da cultura de direitos humanos, ou seja, da formação de pessoas ativas e críticas, conscientes de seu papel social e político. E, nesse sentido, o acesso à informação de qualidade contribui de forma direta para a mudança de situação de quem a consome, ainda mais, no exercício da cidadania.

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social. (...) (DALLARI, 1998, p.14)

Para esse exercício da cidadania, o jornalismo cumpre sua missão quando toma como principal critério o interesse público.

Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias pros quaisquer meios e independentemente de fronteiras”. (Artigo XIX, Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948).

Enio Moraes Júnior no livro *Formação de jornalistas: elementos para uma estratégia de ensino do interesse público* defende que a imprensa deve estimular a atuação dos indivíduos na vida pública e nas discussões democráticas como agentes capazes de participar do debate público. “Cabe ao jornalismo civicamente responsável, portanto, o agendamento de temas ligados aos direitos humanos e à democracia, em consonância com valores éticos da profissão”. (MORAES JÚNIOR, 2013, p. 72)

O jornalismo deve agir empenhado em apurar, veicular e aprofundar a informação de atualidade, regido pelo conjunto de valores éticos historicamente construídos e, incondicionalmente, orientado pelo interesse público e pela construção e reajuste da cidadania. O contrário disso, quando interesses privados prevalecem sobre os cidadãos, o

jornalismo não cumpre o seu papel e transforma-se em embuste. (...) (MORAES JÚNIOR, 2013, p.73)

E mesmo que a grande imprensa não enxergue isso, muitos alunos do Centro Universitário FIAM-FAAM - principalmente os oriundos das periferias e/ou com algum tipo de proximidade com as minorias -, têm questionado essa falta de pauta e/ou falta de cobertura adequada de temas tão pertinentes e proposto trabalhos que englobem esses assuntos,

Assim, é fundamental o papel da universidade na formação e conscientização de novos profissionais para os temas urgentes da sociedade.

Práticas pedagógicas na formação de jornalistas: a experiência do Centro Universitário FMU|FIAM-FAAM

A história do Centro Universitário FMU|FIAM-FAAM começa no século passado, em 1968, no bairro Jabaquara, zona sul da cidade de São Paulo. A Faculdade Integrada Alcântara Machado (FIAM) e a Faculdade de Artes Alcântara Machado (FAAM) tinham mantenedoras diferentes e no ano seguinte a sua criação seus gestores promovem a fusão tornando-se o FIAM-FAAM. No processo de criação dessas faculdades os cursos eram das áreas de gestão e negócios, arquitetura, música e artes. Apenas em 1972 é que foram criados os cursos de jornalismo e publicidade e propaganda. Nesse ano, também a Instituição muda de endereço, saindo de Jabaquara e chegando à sede atual no bairro do Morumbi. Em 2002, a Instituição foi credenciada como Centro Universitário e hoje está integrada ao Centro Universitário FMU FIAM-FAAM, que desde 2014, faz parte da Rede Internacional Laureate de Ensino.

No Centro Universitário FIAM-FAAM os alunos em estágio curricular supervisionado ou monitoria podem desenvolver essas atividades também nos Núcleos de Estudos como o NERA (étnico-raciais), NUGE (gênero e sexualidade), NEMA (meio ambiente) e nos núcleos de linguagem como o NUDA (dramaturgia), NEHQ (quadrinhos), NERD (game), NECULT (cultura).

Outra oportunidade de estágio e monitoria surgiu para os alunos de Jornalismo e Rádio TV, quando a internet possibilitou as atividades da Rádio FIAM-FAAM com produção de notícias, entrevistas e elaboração de programas em diversos formatos.

Estágio obrigatório

“O jornalismo cumpre sua missão quando toma como principal critério o interesse público” (MORAES JÚNIOR, 2013, p.61). O comprometimento com a cidadania, por parte dos jornalistas surge, também, a partir das práticas pedagógicas adotadas pelas instituições, pelo comprometimento dos professores diante das possibilidades de adotar essas ações e de alunos de entender o contexto atual e compreender que a prestação de serviço é fundamental para o exercício do jornalismo.

No Centro Universitário FIAM-FAAM a adoção dessas práticas ocorre além da sala de aula, nas disciplinas laboratoriais, de práticas jornalísticas, e se estende para a Agência Integrada de Comunicação (AICom) onde os alunos realizam estágio obrigatório supervisionado.

Criada em 2015, a AICom é um instrumento pedagógico previsto no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) dos cursos de graduação da Escola de Comunicação do Centro Universitário FIAM-FAAM. É constituída sob a responsabilidade e direção das coordenações de cursos e orientada por docentes que atuam na orientação e supervisão da rotina e dos trabalhos dos alunos componentes da agência. E, por meio da AICom, o aluno vivencia um ambiente que reproduz métodos e processos empregados no contexto profissional e realiza a integração entre teoria e prática.

Toda a formação e prática realizada na AICom é comprovada com os relatos dos alunos sobre a experiência do estágio e da monitoria. Depois de ter atuado na agência como estagiária, no segundo semestre de 2018 e como monitora, no primeiro semestre de 2019, a aluna Ana Luiza Antunes destaca como pode desenvolver suas habilidades técnicas e comportamentais.

Na AICom, aprendemos a desenvolver melhor nossa escrita, postura profissional e abordagem diante de assuntos variados, bem como se preparar previamente para uma cobertura. Participar da Agência foi uma experiência de muito aprendizado e crescimento para a minha formação. Me auxiliou tanto na busca por um estágio como continua sendo uma experiência fundamental para as atividades que desempenho no ambiente de trabalho. (ANTUNES, junho de 2019)

A agência tem como missão ser um instrumento pedagógico de excelência para a formação profissional do aluno e para a integração entre o conteúdo teórico dos cursos e as práticas profissionais contemporâneas, promovendo a interdependência entre ensino, pesquisa e extensão. E tem como visão ser modelo de Agência Integrada de Comunicação

no mercado como centro de excelência na formação de profissionais competentes, inovadores, éticos e socialmente comprometidos com os contextos em que atuam.

O estágio curricular supervisionado é componente obrigatório do currículo de jornalismo, de acordo com o Artigo 12, da Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013, do Conselho Nacional de Educação (CNE) do Ministério da Educação. O parágrafo 1º do Artigo 12 diz que o estágio curricular supervisionado poderá ser realizado em instituições públicas, privadas ou do terceiro setor ou na própria instituição de ensino, em veículos autônomos ou assessorias profissionais.

No Centro Universitário FIAM-FAAM alunos de todos os semestres podem se candidatar para estagiar na AICom, no entanto, seguindo o parágrafo 2 do artigo 12 do CNE, as vagas são priorizadas aos alunos dos períodos finais do curso (7º e 8º semestre) assim eles poderão aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula e laboratórios, “cabendo aos responsáveis pelo acompanhamento, supervisão e avaliação do estágio curricular avaliar e aprovar o relatório final, resguardando o padrão de qualidade nos domínios indispensáveis ao exercício da profissão”. (Parágrafo 2, Artigo 12, CNE)

Desde 2018 já passaram 98 alunos estagiários na AICom do FIAM-FAAM sob a supervisão de professores da instituição. Durante o semestre de estágio, que deve somar 208 horas para ser validado, os alunos participam de plantões para a produção de textos para o site de notícias da agência (<https://aicomfiam.net/>), além de propor pautas e realizar cobertura de eventos, em texto e videoreportagem para o site e o canal do Youtube do FIAM-FAAM.

Tabela 1 - Estagiários divididos por gênero

Semestre / Ano	Número de estagiários	Mulheres	Homens
2019 /1	56	37	19
2018/2	23	12	11
2018/1	19	18	1

A prática jornalística que ajuda na entrada no mercado de trabalho é destacada pelos alunos que participaram da AICom, como é o caso da aluna Vitoria Rondon que foi estagiária no primeiro semestre de 2018:

Além ter contribuído com o meu aprendizado e contato com o jornalismo, o estágio ainda me ajudou a conseguir um estágio remunerado, pois sem o aprendizado que obtive na AICom provavelmente não teria conseguido. Se não fosse a AICom eu não saberia como realizar um terço das atividades que tive que realizar no meu atual estágio. (RONDON, junho de 2019)

A oportunidade de conseguir um estágio remunerado a partir da experiência na AICom também é lembrada pelo aluno Vinícius Sarcetta que passou pela agência no segundo semestre de 2018.

O estágio me proporcionou grandes experiências, como fazer matérias para o site e cobrir eventos na faculdade, o SBPJor, dando a oportunidade de colocar na prática tudo o que eu aprendia na sala de aula. Por conta do estágio na AICom, eu pude criar meu portfólio e isso me ajudou a entrar no mercado de trabalho. (SARCETTA, junho de 2019)

Monitoria voluntária

Além do estágio obrigatório, os alunos de jornalismo do FIAM-FAAM também podem desempenhar atividades jornalísticas na Agência Integrada de Comunicação do FIAM-FAAM por meio da monitoria voluntária. A AICom recebe monitores voluntários desde a sua criação⁶. O artigo 13 da Resolução diz que a monitoria é considerada uma atividade complementar.

as atividades complementares são componentes curriculares não obrigatórios que possibilitam o reconhecimento, por avaliação, de habilidades, conhecimentos e competências do aluno, dentre elas as adquiridas fora do ambiente de ensino. (Artigo 13, Resolução, CNE)

Nos últimos três semestres (primeiro e segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019) 42 monitores já passaram pela agência. Além do aprendizado, a monitoria voluntária confere aos alunos horas complementares – também exigência da instituição. Conforme diz o aluno Felipe Aranda:

A monitoria é 100% prática. Você tem a experiência de uma redação com discussão de pauta, produção de conteúdo para mídia digital e edição. Tem o contato com o audiovisual nas coberturas de eventos da universidade, também sempre trazendo a experiência de campo mesmo com equipe de operadores de câmera, produtores e editores de vídeo. E tudo isso é feito com a orientação de professores com anos de experiência e pura dedicação aos alunos. É um espaço onde o aluno não fica só observando, ele participa. (ARANDA, junho de 2019)

A jornalista Laura Yoko, formada no FIAM-FAAM em dezembro de 2018 e que atualmente trabalha na instituição como editora de vídeo, participou da AICom como monitoria no início e no final da graduação. Ela relata que no início foi importante para

⁶ No entanto, apenas a partir de 2018 a Agência Integrada de Comunicação (AICom) do FIAM-FAAM começou a receber estagiários para práticas jornalísticas com supervisão e validação de estágio.

conhecer as possibilidades e áreas de atuação do jornalista, como a reportagem de vídeo, texto, foto e no final, para praticar o que aprendeu ao longo da faculdade e identificar em qual área queria seguir. “As professoras nos orientam não só em relação à escrita, a escolha de pautas e outras práticas, mas também, em relação ao contato com os personagens, a sensibilidade de um bom jornalista, o olhar e saber escutar. Isso não aprendemos em sala de aula.”

Tabela 2 - Número de monitores divididos por gênero

Semestre / Ano	Número de monitores	Mulheres	Homens
2019 /1	16	11	5
2018/2	10	9	1
2018/1	16	15	1

Vale destacar que temos observado nas pautas apresentadas pelos alunos na e para a AICom muitos temas de interesse público mais específicos. Questões acerca do preconceito racial, de gênero e de faixa etária estão presentes nas propostas dos alunos. Segundo MORAES JÚNIOR (2013, p.64), “neste contexto, o jornalista é um *agente empoderado* (O’Donnell) intencionalmente articulado ao interesse público com fins à construção permanente – *em perspectiva* (Mouffe) – da cidadania”.

A plataforma para a publicação das notícias – internet – também possibilita a construção de um conteúdo com maior multimídia. Os temas sociais como assédio, mercado de trabalho para o LGBTQ+, de negros, acesso à universidade de pessoas de baixa renda e das periferias, inclusão de deficientes no mercado de trabalho, tratamento de doenças psicológicas, além de auxiliar os alunos a pensarem no projeto de cidadania – fundamental para o jornalista – permite ainda que os estudantes busquem fontes de informação para debater e informar aos leitores sobre o tema.

Tabela 3 - Algumas matérias publicadas na AICom com temas sobre cidadania

Mês / Ano	Tema
06/2018	Comunidade unida ajuda a melhorar a segurança do bairro
03/2019	“Fortalecer para enfrentar o feminicídio”
10/2018	Acessibilidade para surdos nas universidades
06/2018	Mundo tem 6,8 milhões de deslocados
03/2018	Saúde integral para travestis e transexuais abre debates no Dia da Mulher
04/2018	Websérie Latentes traz reflexões sobre mulheres LGBTQs
05/2019	Cinemateca FIAMFAAM debate cinema e cineastas negros
05/2018	NUGE debate diversidade e inclusão no mercado de trabalho

11/2018	Futuro e ativismo negro são destaque em painel sobre diversidade étnico-racial
04/2019	Cineastas discutem produção cinematográfica das periferias
11/2017	Artes e músicas dão o tom das reflexões na Semana da Consciência Negra
05/2019	Sem investimento, sem acessibilidade
03/2019	Carolina de Jesus: da fama ao esquecimento

Considerações finais

As primeiras ações metodológicas que orientaram essas práticas pedagógicas e, conseqüentemente, esse artigo foi analisar o Parecer 39/2013 da Câmara de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação de 27 de setembro de 2013 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação de Jornalismo. Na sequência levantamos a bibliografia sobre a história e as Diretrizes curriculares que conduziram os cursos de jornalismo ao longo desses quase 80 anos.

Sobre o desenvolvimento das práticas partimos para o planejamento da regulamentação do estágio e monitoria da instituição que, após aprovação da coordenação, foi levado ao Colegiado no mês de agosto de 2016, uma vez que os alunos com obrigatoriedade de estágio e monitoria começaram suas atividades em 2018?.

É válido ressaltar que em maio de 2016 já havíamos iniciado as ações dos Núcleos que tem como objetivo desenvolver atividades dos temas transversais (étnico-raciais, gênero e meio ambiente), conforme as Diretrizes Curriculares. No segundo semestre de 2016 realizamos os Seminário Mundo do Trabalho e planejamos a partir da disciplina Jornalismo Comunitário a produção de jornais com pautas emancipadoras. A partir de avaliação da disciplina com os alunos optamos por realizar uma exposição – hall dos Campi – com os jornais que alcançaram a melhor média.

Além disso, em sala de aula, nossas disciplinas cada vez mais buscam contemplar as pautas emancipadoras e de interesse público. Não apenas pelas ementas, mas principalmente, pela necessidade apresentada pelos alunos. Podemos mencionar atividades junto a organizações do terceiro setor com a produção de seminários com organizações que produzem jornalismo independente e periférico, a produção de revistas na disciplina Produção de Revista e no NERA (Dumela), produção de jornais na disciplina Produção de Jornal e sites (entre eles o site da AICOM e da revista Dumela).

A cada semestre e após avaliação e reunião do Colegiado entendemos que conseguimos ampliar a compreensão dos nossos alunos quanto à perspectiva futura do mundo do trabalho para os jornalistas e o jornalismo que vem embalado nas inovações

produzidas pelas novas tecnologias e com um olhar direcionado a entender nosso papel de cidadãos, nossa identidade e nossos territórios de origem.

Cada vez que terminamos uma roda de conversa com um de nossos convidados – especialmente quando é um egresso – sentimos que conseguimos ajudar nosso aluno a visualizar um caminho de que é possível ser jornalista mesmo não estando dentro de um conglomerado de mídia comercial.

Acreditamos que essas ações colocam em prática uma iniciativa mais emancipatória como defende Dennis de Oliveira.

(..) como Paulo Freire, a emancipação do oprimido liberta também o opressor, pois transforma a relação humana, e esse movimento de emancipação é uma tarefa coletiva, ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam em comunhão. (...)
(OLIVEIRA, 2017, p. 20)

O autor defende que o papel do intelectual que milita para transformar a sociedade não é apenas o de fazer críticas, mas também de apontar caminhos de mudanças. “A prática do jornalismo emancipatório tem posição explícita. Por mais que as diversas vozes – inclusive as divergentes dessa posição inicial – sejam registradas, elas veem como elementos de explicação ou justificação para dialogar com a posição inicial tomada.”
(OLIVEIRA, 2017, p. 199)

Nesse tipo de jornalismo o importante é que as fontes consultadas não sejam apenas pessoas que falem, mas sim seres sociais, inseridos em determinados contextos e lugares que sinalizam para certas falas e atitudes. Deve-se procurar responder “por que aconteceu isso que aconteceu” e “por que não aconteceram outras coisas”. (OLIVEIRA, 2017, p.194-195)

Referências bibliográficas

ANTUNES, ANA Luiza. **Entrevista sobre a realização do estágio e monitoria**. SP: junho de 2019.

ARANDA, Felipe. **Entrevista sobre a realização do estágio e monitoria**. SP: junho de 2019.

BRASIL. Parecer 39/2013 da Câmara de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação de 27 de setembro de 2013. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação de Jornalismo.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CHARRON, Jean, BONVILLE de Jean. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Insular; Brasília: FAC Livros, 2016.

DALLARI, Dalmo. **Direitos Humanos e Cidadania**. São Paulo: Modena, 1998.

DECLARAÇÃO, dos Direitos Humanos. **Artigo XIX.**, 1948

DECLARAÇÃO, dos Direitos Humanos. **Artigo XXVI.**, 1948

ÉNOIS. **Por que as redações são tão brancas?** Disponível em:
<<https://enoisconteudo.com.br/testimonial/por-que-as-redacoes-sao-tao-brancas/#more-2397?>>. Acesso em: 24 de julho de 2018.

FIGARO, Roseli; NONATO, Claudia. Novos arranjos econômicos: Alternativo para a produção jornalística. Contemporânea comunicação e cultura. V15. Jan-abr 2017

INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). **Sinopse Estatística da Educação Superior**. Disponível em:
<<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em: 24 de julho de 2018.

LIMA, Venício A. de. Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire. 2.ed.rev. Brasil: Editora Universidade de Brasília: Fundação Perseu Abramo, 2011

LODI, Lúcia Helena. **Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos: Ministério da Educação, SEIF, SEMTEC, SEED, módulo 3, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. Diretrizes curriculares aos Projetos Pedagógicos dos cursos: oportunidade para reencontro entre teoria e prática no ensino de Jornalismo. In. Fórum sobre Aplicação das Novas Diretrizes. São Paulo, 2014.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer? Como salvar o jornalismo na era da informação**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MORAES JÚNIOR, Enio. **Formação de jornalistas: elementos para uma pedagogia de ensino de interesse público**. São Paulo: Annablume, 2013

MUNANGA, Kabengele. **Prefácio**. In OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**. Curitiba: Ed. Appris, 2017.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**. Curitiba: Ed. Appris, 2017.

Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013, do Conselho Nacional de Educação (CNE) do Ministério da Educação

RONDON, Vitoria. **Entrevista sobre a realização do estágio e monitoria**. SP: junho de 2019.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1980.

SARCETTA, Vinícius. **Entrevista sobre a realização do estágio e monitoria**. SP: junho de 2019.

YOKO, Laura. **Entrevista sobre a realização do estágio e monitoria**. SP: junho de 2019.